

A fábrica de "anões"



**Quem vamos
eleger
em 1994, as
"viúvas"
de Fidel
Castro?**

dentos" de extrema direita. Não foi propriamente uma corrida de bebês, nem há nada de novo nesses vitoriosos de agora. De fato, as eleições do último domingo foram apenas municipais e, nesse tipo de eleições, os comunistas italianos sempre se deram relativamente bem. Mesmo cidades importantes como Bolonha têm sido tradicionalmente governadas (e até bem governadas) por eles. O que é significativo agora é menos a derrota que o tamanho da derrota, a dimensão do desastre.

Os italianos não estão apenas mudando a tripulação do barco. Eles estão mudando o barco. Estão tentando refazer, reinventar, para seu próprio governo, instituições políticas menos corrompidas, menos infieis. Quem fala hoje em seu nome não são os deputados e senadores, não são sequer esses prefeitos agora eleitos: são os juizes da Mãos Limpas.

Os partidos vitoriosos em urnas do último domingo representam gradações diversas de reforma (ou revolução) institucional. Os líderes direitistas das Ligas querem cortar a Itália em pedaços, separar o Norte próspero do Mezzogiorno atrasado; e libertá-lo da "Roma Ladrone", a

capital corrompida, a vetusta Brasília deles. Os ex-comunistas, ao contrário, embora de mãos relativamente lavadas, são ex-membros do velho estabelecimento político.

Sob o comando de Enrico Berlinguer (irmão do excelente Giovanni, de quem fui amigo quando ainda estudante, em Praga), o velho PCI, o Partido Comunista da Itália, o maior do Ocidente, foi quase sempre uma espécie de contraponto do governo democrata-cristão, com o qual chegou mesmo a entabular um célebre (e celebrado) "compromisso histórico". Se depender, agora, dos ex-comunistas de Occhetto, é de crer que a reforma institucional italiana não vá muito longe e deixe intocados e bem protegidos pelo menos alguns notórios ninhos estatistas da corrupção e do atraso peninsulares.

Talvez não agrade muito aos italianos a comparação, mas o fato é que há, entre as coisas de lá e as de cá, sensível parecença. Quando menos, não se deve ter nenhuma dúvida de que nós, brasileiros, nos pouparíamos muita perda de tempo e muitas desnecessárias tolices se pudessemos aprender depressa com a experiência (e a lição) desses nossos irmãos, ou primos, mais antigos.

Quem vamos eleger em 1994? Os ex-comunistas do PT, as "viúvas" de Fidel Castro que hoje cercam o barbudo Lula? É o que indicam as pesquisas, embora as pesquisas, com um ano de antecedência, não indiquem, a rigor, coisa nenhuma. Na

verdade, eleger para o governo e o Congresso homens decentes e razoavelmente competentes é muito importante. Muitíssimo mais importante, entretanto, é criar instituições e normas que conduzam a esse bom resultado.

As leis que hoje temos, ao contrário, levam quase inevitavelmente ao governo dos Sarney e dos "anões". São leis, na verdade, feitas por eles mesmos, para eles mesmos. Seria preciso mudá-las *agora*, antes das eleições parlamentares e presidenciais do próximo ano, pois de outro modo vamos perder tempo e ter de volta, mais cedo do que se pode imaginar, esse mesmo vicioso quadro atual. E o fato é que o País não pode continuar perenemente "governado" por CPIs, sindicâncias, inquéritos e escândalos. A economia e o povo não agüentam.

Não basta atirar os "anões" de agora pela janela. A experiência da Itália (e das democracias mais antigas) é eloquente: sem instituições adequadas não se pode ter estabilidade política e governos decentes e eficazes. É preciso acabar já com a desastrosa invenção militar do voto "livre" obrigatório. Abolir o sistema de eleição proporcional de deputados, que se provou tão mau na Itália e na França e, entre nós, elege esse Congresso de Onaireves, essa enxurrada de deputados de aluguel, prontos a servir a quem pague mais.

É preciso acabar já com a impunibilidade parlamentar, com o sigilo bancário dos homens públicos (homem público não faz negócio). Criar juízos e juizes de instrução. Limitar estritamente, como os ingleses, os gastos eleitorais. Na Inglaterra, um candidato a deputado só pode gastar, na campanha, até o equivalente a US\$ 15 mil. Se gastar mais, e for eleito, perde o mandato. Em consequência, os candidatos ingleses passam menos tempo arrebanhando contribuições do que controlando seus assessores e partidários para evitar que ultrapassem o limite.

A velha Inglaterra inventou, entre outras coisas menores, o futebol e a democracia moderna. O futebol nós aprendemos; somos até mestres (e exportadores de know-how) na matéria. Falta a democracia. A experiência democrática.

